
O povoado calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo)

RUI MATALOTO*
CATARINA COSTEIRA**

R E S U M O

As intervenções de emergência na área da Quinta e Horta do Paraíso (Elvas) permitiram identificar um grande povoado dos finais do IV e III milénios a.C. Pretende-se com este trabalho apresentar uma primeira leitura global da ocupação, inserindo-a nas dinâmicas locais e regionais de povoamento do IV/III milénio a.C.

A B S T R A C T

The emergency excavation carried out in the area of Quinta and Horta do Paraíso (Elvas), in order to evaluate the damage caused by construction work, revealed an assemblage of structures (primarily the negatives of structures) and archaeological material that loosely belong to the period between the end of the 4th and middle of the 3rd millennium BC. This article will discuss the site within the larger network of settlements during the first rural societies in the middle basin of the Guadiana river.

1. Identificação do sítio e primeiras intervenções

O sítio do Paraíso foi identificado na sequência de trabalhos de urbanização na área da horta homónima, que implicaram a substituição do antigo muro de propriedade por uma estrutura de betão para a sustentação de terras, tornando visível ao longo do corte efectuado, mas de modo intermitente, estratos com materiais pré-históricos e estruturas negativas. Este facto, constatado por Anaísa Mexia e comunicado à Extensão do Crato do IGESPAR, associado à iminência de mais acções destrutivas, conduziu ao desenvolvimento de trabalhos arqueológicos com o objectivo de caracterizar a ocupação pré-histórica do sítio.

2. Enquadramento geográfico

O sítio arqueológico do Paraíso localiza-se no concelho de Elvas, na actual área de expansão urbana da cidade para nascente, com as seguintes coordenadas UTM: 29660582E e 4305163N, na Carta Militar 1:25 000 – 414 (Fig. 1).

O povoado abrange a área da antiga quinta e horta do Paraíso, o que acaba por somar vários hectares (Fig. 9). A adaptação do terreno para estas funções preconizou um primeiro momento de

assinalável transformação da topografia local, e consequentemente na estratigrafia pré-histórica. Na área da horta, onde os trabalhos foram mais extensos até ao momento, atestou-se uma significativa alteração da morfologia do terreno, devido à construção de socacos e níveis de aterro, de modo a favorecer a irrigação das áreas de cultivo, o que acabou por condicionar bastante a percepção da topografia pré-histórica e a conservação dos seus contextos.

Na área da Quinta do Paraíso, do outro lado da rua, as alterações à topografia original foram ainda mais profundas, levadas a efeito durante as obras de construção, nos últimos anos, de uma extensa urbanização, o que acabou por conduzir à total destruição, sem qualquer registo, de amplas áreas do povoado.

Todavia, é ainda hoje possível compreender que o povoado do Paraíso se instalava num pequeno anfiteatro, axializado por uma pequena linha de água, na actualidade apenas perceptível pelo leito fóssil, num extenso patamar destacado (altitude 260 m) sobre as férteis planícies da bacia do rio Caia. Os recursos naturais disponíveis (abundância de água e elevada capacidade agrícola dos solos envolventes) permitiram uma ocupação estável de comunidades humanas.

Este modelo de instalação aproxima-se bastante do registado em grandes instalações do III milénio a.C. na bacia do Guadiana, como La Pijotilla ou Perdígões, ajudando a reconhecê-lo como um dos mais típicos para instalações de grande dimensão.

Os estratos pré-históricos apresentam uma altimetria bastante incerta, acompanhando, e escavando, um substrato geológico igualmente irregular. Efectivamente, terá sido o facto de este substrato se elevar de modo significativo face à altimetria da rua actual que terá facilitado a identificação do povoado, pois, escassos metros a oeste e este da área onde procedemos à limpeza do corte do Sector I, os estratos pré-históricos encontravam-se abaixo da cota da rua actual, sob vários metros de acumulações recentes.



Fig. 1 Localização do povoado do Paraíso na CMP-1:25 000 - 414.

3. Trabalhos de campo e leitura estratigráfica

As intervenções arqueológicas realizadas até ao momento foram essencialmente de acompanhamento, limpeza e desenho de cortes, sempre num contexto de emergência, não tendo sido possível a execução efectiva de uma escavação em extensão e profundidade que permita avaliar devidamente a sequência de ocupações detectadas e a diacronia das mesmas. Neste sentido, todas as leituras sobre o local nos surgem, ainda, particularmente truncadas, sendo absolutamente preliminares.

Em todo o caso, estas, ainda que muito pontuais e parcelares, permitem ter já alguma segurança sobre a grande área abarcada pelo povoado e longa sequência estratigráfica ainda conservada.

Os três sectores onde se interveio, na Horta e Quinta do Paraíso, encontram-se distanciados entre 50 a 100 m, o que nos dá uma ideia mais clara da ampla área abarcada pelos vestígios (Fig. 2).

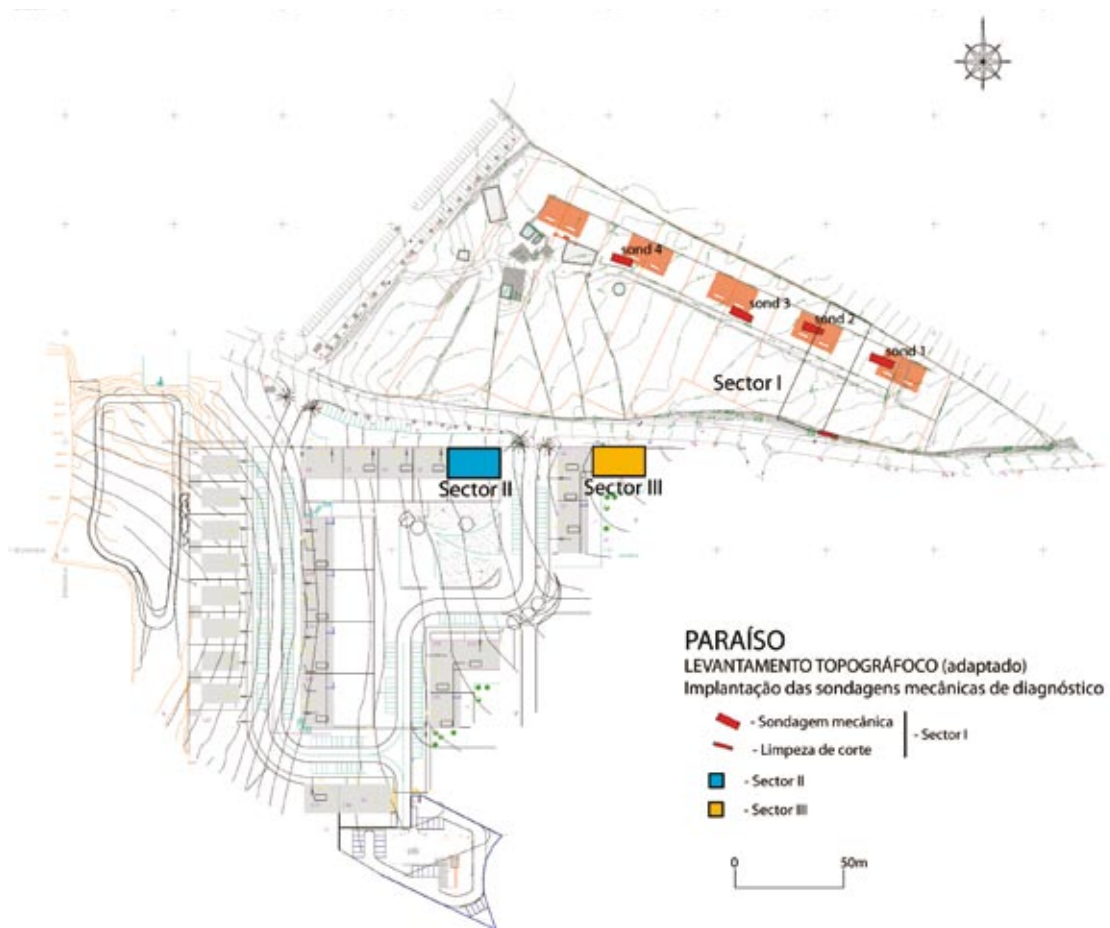


Fig. 2 Planta geral de localização dos sectores intervencionados.

3.1. Sector I

Os trabalhos iniciaram-se no Sector I com o “corte da estrada”, justamente aquele que conduziu à identificação do sítio, por ser onde as ocupações antigas do local se encontravam mais claramente patentes, tendo ficado expostas após o recuo de um talude por acção mecânica. Seleccionada



Fig. 3 Vista geral do corte da estrada, no Sector I.

a área prioritária, procedeu-se à limpeza e ligeiro recuo de um segmento do corte com 9 m de comprimento por 2,30 m de altura (com uma orientação genérica E-O), seguida da escavação parcial das unidades de enchimento de três estruturas negativas (fossas) de maiores dimensões (Fig. 3).

As unidades estratigráficas identificadas apresentam, em geral, uma matriz cascalhenta de calcário e uma textura argilosa; as de coloração castanha avermelhada, com elementos orgânicos, relacionam-se com a ocupação recente do sítio, enquanto as de tonalidade cinzenta escura caracterizam, em geral, os níveis de ocupação pré-históricos, distinguindo-se das cinzentas mais claras, que constituem, principalmente, o enchimento das estruturas negativas (Fig. 4).

As unidades estratigráficas [1], [17], [18] e [19], relacionadas com momentos de ocupação mais recentes, foram sumariamente analisadas sendo, no entanto, pertinente referir que as suas características as distinguem completamente das unidades pré-históricas.

A unidade estratigráfica [2] apresenta uma grande extensão, prolongando-se por grande parte do corte, o que poderá derivar mais da dificuldade da sua subdivisão na vertical do que da sua real extensão.

As estruturas escavadas na rocha [8], [16] e [26], de diversa entidade visível, apresentam genericamente um perfil em U, contendo nos seus enchimentos (UE's [6], [7], [15] e [25]) abundantes materiais cerâmicos fragmentados e restos de fauna.

A análise deste corte estratigráfico permite observar a sobreposição de estruturas negativas [14] e [16], e a existência de níveis de ocupação sobre as unidades de colmatação de algumas destas, o que é evidente no caso da U.E. [4], onde uma unidade caracterizada pela frequência do barro de revestimento sobrepõe, claramente, a fossa [8]. Este facto parece indicar que estamos perante uma área com alguma diacronia de ocupação.

Na sequência desta intervenção considerou o IGESPAR pertinente a realização de algumas sondagens mecânicas com acompanhamento arqueológico nas áreas directas de afectação das futuras construções da urbanização da Horta do Paraíso, de modo a determinar a altimetria con-

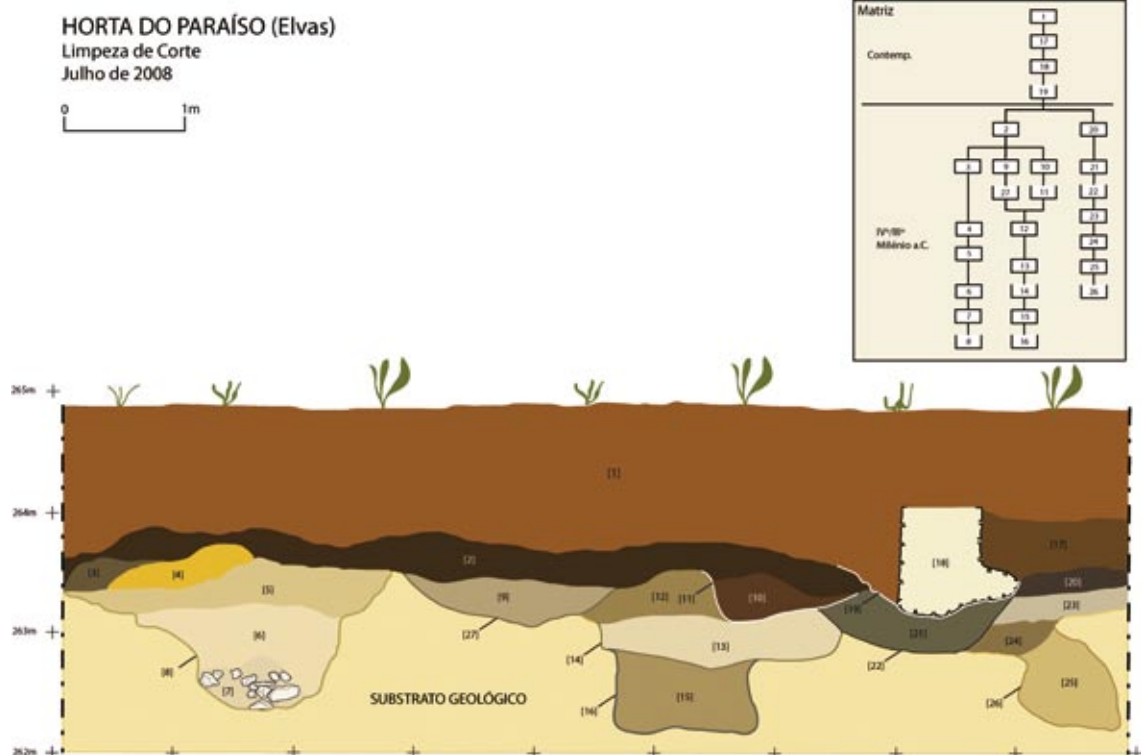


Fig. 4 Corte estratigráfico da estrada e respectiva matriz.

servada dos estratos pré-históricos. Todavia, por motivos vários, foram realizadas quatro sondagens mecânicas sem o devido acompanhamento.

Deste modo, a segunda fase dos trabalhos limitou-se à limpeza e registo dos perfis das quatro sondagens mecânicas de perfil em “V” relativamente aberto, com cerca de 10 m de comprimento, e 2,5 a 3 m de largura (Figs. 2 e 5).

As unidades estratigráficas identificadas nos cortes destas sondagens apresentam características semelhantes às descritas no “corte da estrada”.

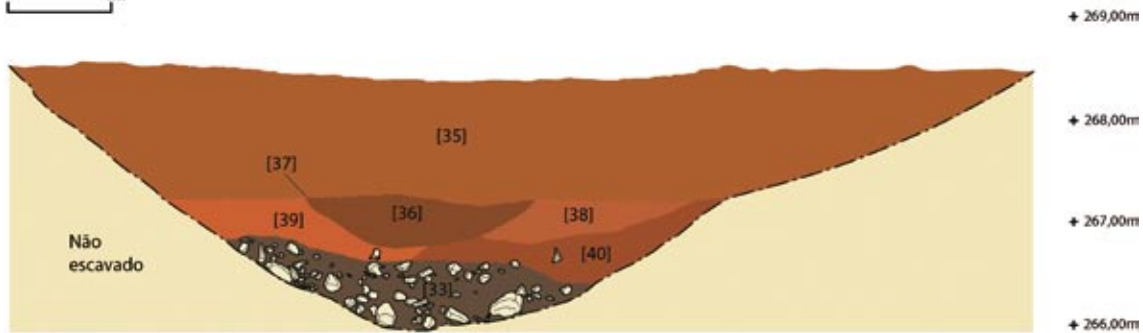
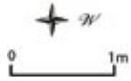
A sondagem 1 era a que se encontrava mais a nascente, situada na extremidade mais baixa do segundo socalco da Horta do Paraíso, apresentando uma estratigrafia relativamente simples, marcada pelo arrasamento até à rocha de base, que se encontrava aparentemente regularizada, de toda a possível estratigrafia pré-histórica. O substrato geológico encontrava-se a menos de 1 m da superfície, sendo constituído essencialmente por gabros. Identificaram-se duas estruturas negativas: a U.E. [30], no corte sul, apresenta um perfil em U, muito aberto, tendo no seu enchimento materiais recentes, o que se deve relacionar com a ocupação contemporânea da horta (vala de implantação das laranjeiras?); e a U.E. [34], no corte norte, de perfil em U e fundo aplanado, com enchimentos caracterizados por terras cinzentas claras, algo compactas, semelhantes às registadas no interior das fossas do corte da estrada.

A sondagem 2, distante cerca de 20 m da anterior, distingue-se das restantes porque o substrato geológico surgia a cerca de 0,20 m da superfície, não tendo sido detectados quaisquer dados de cariz arqueológico nos perfis, nem nas terras removidas.

A sondagem 3, a cerca de 20 m da anterior, é a que apresenta maior potência arqueológica, não se tendo atingido o substrato geológico.

Horta do Paraíso**Sondagem 3****Corte Sul**

— · — · - limite de escavação

**Horta do Paraíso****Sondagem 3****Corte Norte**

- barro de revestimento
 — · — · - limite de escavação

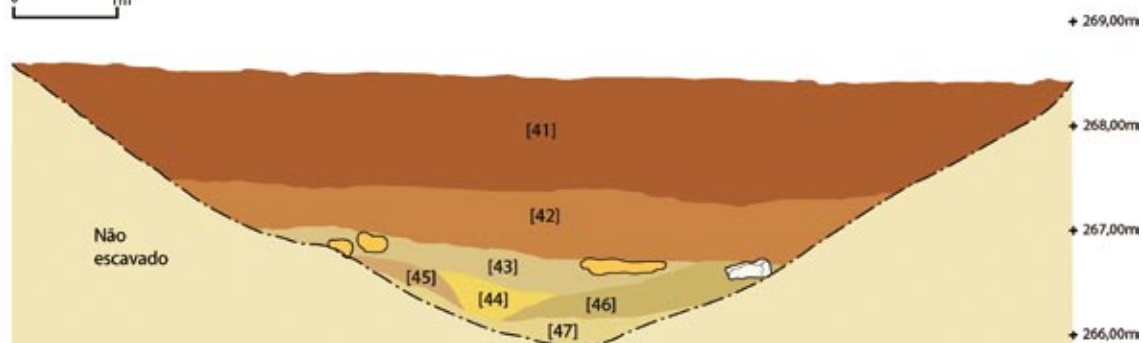


Fig. 5 Cortes da sondagem 3 do Sector I.

A estratigrafia pré-histórica era antecedida por um potente estrato de aterro, [35] e [41], também com materiais desta cronologia, que deverá corresponder às obras de regularização do terreno para a execução dos socalcos da horta.

A realidade identificada em ambos os cortes é substancialmente distinta, uma vez que no lado sul os estratos são acastanhados, argilosos, compactos, com frequente cascalho e abundante pedra, enquanto no lado norte apresentam tonalidades acinzentadas, mais soltas, com a presença de algum barro cozido; no entanto, em ambos casos os estratos surgem tendencialmente horizontais e algo espessos, apresentando mais de 1 m de potência estratigráfica conservada.

Esta espessa estratigrafia poderá implicar a presença de amplas estruturas, que imponham a criação de uma bacia de deposição estratigráfica que permita tamanha acumulação de estratos.

A sua organização de modo relativamente horizontal torna dificilmente defensável a hipótese de estarem a preencher uma grande estrutura negativa, todavia, o substrato local é propiciador à presença de grandes estruturas escavadas no solo, como fossos ou amplas fossas, que podem autorizar a formação de estratos relativamente horizontais no seu interior.

A sondagem 4 localiza-se na extremidade noroeste do socalco, a 50 m de distância da anterior. Os estratos pré-históricos praticamente não foram atingidos, surgindo apenas alguns indícios na base da estratigrafia de ambos os cortes, a mais de 2 m de profundidade. Esta realidade deve resultar principalmente da acção, contemporânea, de aterramento com vista à criação do socalco da horta e do sistema de drenagem de água para a rega.

Este conjunto de sondagens reafirmou o elevado grau de imprevisibilidade do comportamento estratigráfico e arqueológico das realidades pré-históricas, devido à enorme modelação topográfica que a construção da horta implicou, o que dificulta uma leitura mais precisa do local.

3.2. Sector II

Num segundo momento houve que intervir no Lote 4 da Urbanização do Paraíso, no lado oposto da rua da horta homónima, área que designámos por Sector II. Uma vez mais, já haviam sido realizados amplos movimentos de terra, com vista à regularização de um novo lote para urbanizar. Nesta fase, para além da limpeza e registo dos cortes resultantes das acções de destruição, realizaram-se, por sugestão do IGESPAR duas sondagens mecânicas, numa área central, paralelas às fachadas dos edifícios, com uma orientação E-W, e cerca de 8 m de extensão por 1 m de largura, com vista à confirmação da presença de estratigrafia conservada.

Designou-se de corte 1 a área situada no canto mais a este do lote, justamente a mais afectada pela movimentação de terras. Nos lados norte e este deste corte registou-se a presença de unidades estratigráficas de tonalidades acinzentadas claras e amareladas, arenosas, com alguns vestígios de barro cozido, U.E. [1002], sob unidades mais escuras e argilosas, e duas estruturas negativas de perfil em “U” muito aberto, [1003] e [1014], que podem estar relacionadas.

As valas de sondagem mecânica foram abertas aleatoriamente, paralelas ao lado norte do lote, abarcando toda a extensão da área conservada. A sua abertura foi determinada pela elevada incerteza quanto à existência de estratigrafia conservada, na justa medida em que grande parte da área se encontrava coberta por uma terra bastante argilosa, muito avermelhada-escura, que em outras áreas já se havia revelado estéril.

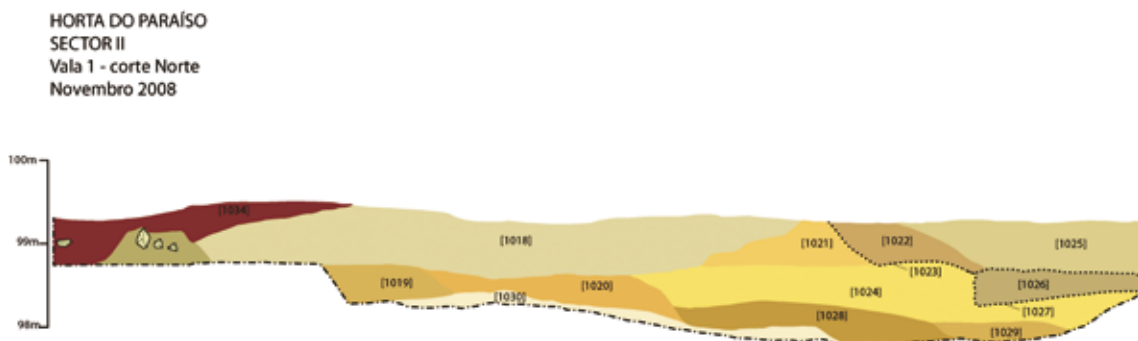


Fig. 6 Corte norte da Vala 1, no Sector II.

Na sondagem 1, a situada mais a norte no lote, optou-se apenas pela análise do corte norte, tendo-se documentado estratigrafia arqueológica em toda a sua extensão. Esta apresentava unidades acinzentadas, algo arenosas, que preenchiam duas estruturas negativas, [1023], [1027], escavadas num sedimento arenoso, algo solto e amarelado, com poucas características arqueológicas, que no entanto sobreponha outras unidades com vestígios de barro cozido e artefactos, o que complexifica a compreensão das realidades documentadas (Fig 6). Na extremidade oeste deste corte, identificou-se um conjunto de pedras de calcário de pequena e média dimensão aparentemente estruturadas, [1013], que se parecem relacionar com outro conjunto pétreo, [1015], identificado na Vala 2.

Os trabalhos na sondagem 2 do Sector II, paralela à anterior a cerca de 4 m de distância, consistiram na limpeza do corte sul e do plano de base da sondagem, uma vez que se identificou uma estrutura de pedras de calcário, irregulares, de pequeno e médio calibre, [1015] (Fig. 7), que parecia desenvolver-se de modo oblíquo ao corte da sondagem. Esta apresentava-se bastante espessa, podendo, eventualmente, estar relacionada, como já se afirmou, com o conjunto de pedras detetadas na sondagem 1, [1013]. No corte sul, identificaram-se unidades arqueológicas em que a presença de cerâmica estava claramente documentada, registando-se no seu lado nascente um conjunto de pedras de pequena e média dimensão, que parecem constituir um reforço da estrutura [1015].

O corte 2 situava-se justamente na extremidade sul da área afectada, pretendendo-se com a sua limpeza avaliar a conservação da estratigrafia arqueológica no limite sul do lote, tendo-se definido para análise apenas um segmento com 3 m de largura, onde este se apresentava mais alto. Nesta mesma área surgiam à superfície, e parcialmente no corte, um conjunto de pedras de calcário de pequeno e médio calibre que, apesar de se encontrarem a uma cota mais alta, pareciam relacionar-se com a estrutura [1015], identificada na Vala 2.

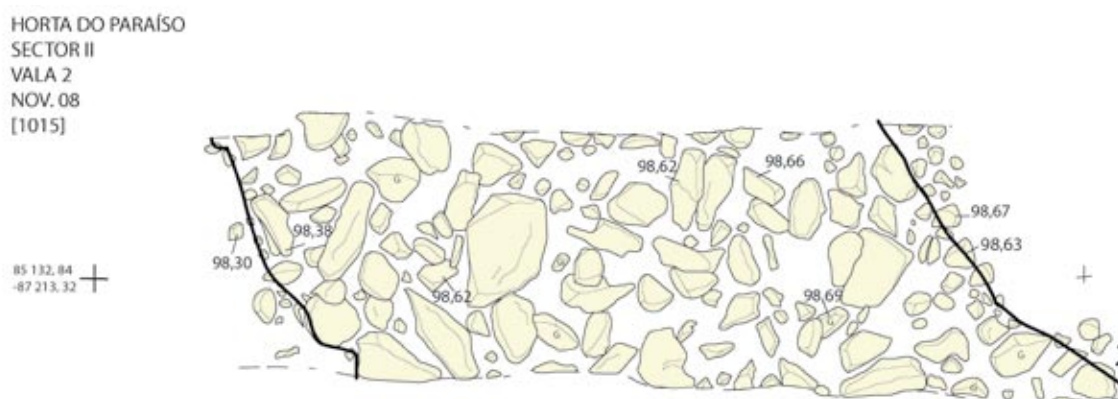


Fig. 7 Planta da estrutura [1015], da Vala 2 do Sector II.

A presença desta possível estrutura conduziu à decisão de realização de uma sondagem arqueológica de avaliação da mesma, na área exterior traseira do lote, de modo a constatar-se a sua possível continuidade, todavia, a mesma não foi ainda levada a efeito. No entanto, os resultados desta intervenção conduziram à alteração dos planos da obra do Lote 4, que previam a construção rebaixada de uma cave, decidindo-se a subida da cota da mesma para o nível da estratigrafia conservada.

Esta breve intervenção no sector II permitiu documentar a presença de ocupação pré-histórica nesta área, confirmando os indícios documentados à superfície e nos cortes anteriormente analisados.

3.3. Sector III

Este sector corresponde ao Lote 1 da Urbanização do Paraíso e localiza-se escassas dezenas de metros a nascente do Lote 4 (Sector II). Trata-se de um lote quadrangular, com cerca de 320 m², onde estava prevista a regularização do terreno para construção e abertura das valas perimetrais de embasamento e das sapatas dos pilares. Uma vez mais, efectuaram-se apenas trabalhos de acompanhamento.

O rebaixo, apenas parcial, do terreno em cerca de 0,5 m não revelou a presença de estratigrafia conservada, resultando apenas da acumulação de detritos das obras adjacentes, envolvidos nos quais surgiam claramente materiais pré-históricos. Na abertura da vala perimetral e seis sapatas, com apenas 0,3 m de profundidade, continuou a registar-se a presença de estratos de terra aparentemente remobilizada anteriormente, com abundantes materiais pré-históricos, acompanhados por presenças recentes, mais escassas. Cremos que se poderá ter detectado a redeposição de terras remobilizadas aquando da abertura das caves dos terrenos adjacentes, ou mesmo nos espaços verdes envolventes, de onde provinham tubagens aparentemente ainda activas (Fig 8). No entanto, recolheu-se um importante conjunto artefactual claramente do III milénio a.C., tendo-se atingido pontualmente estratigrafia preservada numa área muito restrita do poço do elevador. Julgo ainda relevante assinalar que boa parte deste lote parecer estar adjacente, ou mesmo dentro do leito fóssil da linha de água que centralizava o sítio, facto que deve explicitar o imediato brotar de água no poço do elevador, com menos de 1 m de profundidade.



Fig. 8 Vista das valas do acompanhamento do Sector III; em primeiro plano, elementos intrusivos que denunciam o revolvimento da estratigrafia pré-histórica.

3.4. O Paraíso: leituras de conjunto

Na realidade, pode-se hoje afirmar que, apesar das alterações profundas da topografia da antiga Horta e Quinta do Paraíso, ainda se encontra abundante estratigrafia pré-histórica preservada em ambas as áreas, sendo absolutamente urgente promover a protecção e salvaguarda da área restante deste grande povoado¹.

Atendendo ao estado de afectação aparente do povoado, julgamos possível subdividi-lo em três grandes áreas (Fig 9).

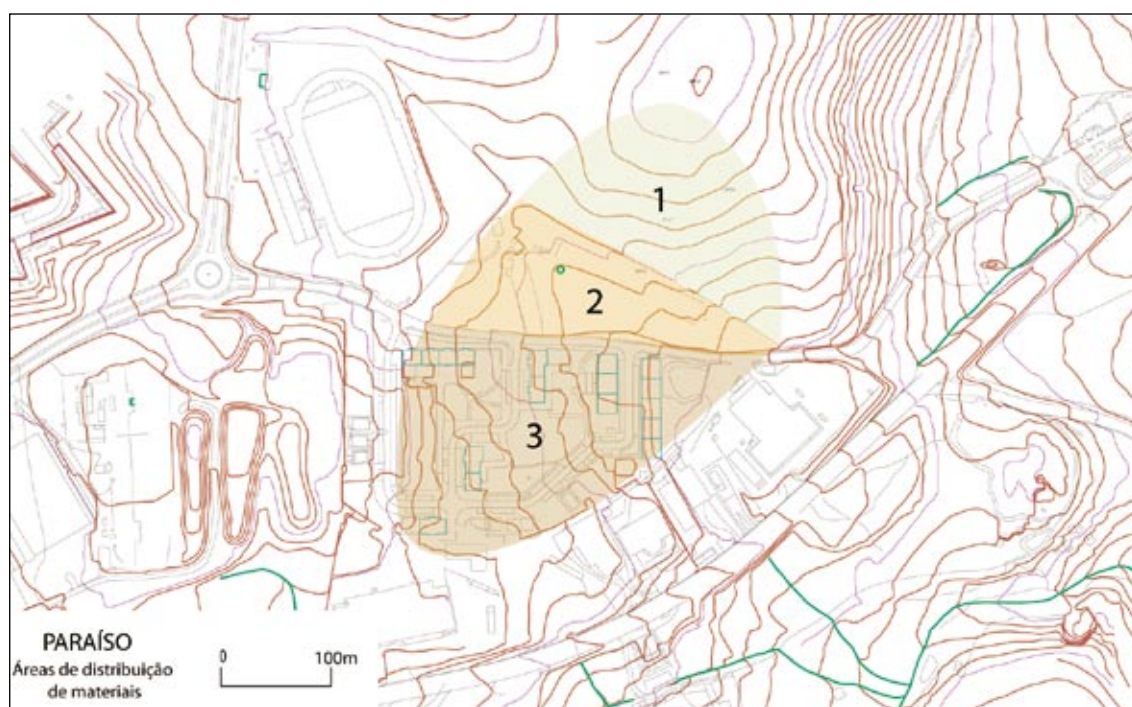


Fig. 9 Área de distribuição de achados do povoado do Paraíso. 1- área Norte da Horta 2- Horta do Paraíso 3- Urbanização do Paraíso.

A área 1 é constituída por uma suave pendente a norte da horta, onde se detectaram à superfície frequentes materiais pré-históricos, que começavam a rarear junto ao topo; aqui o povoado deverá apresentar-se bastante mais bem conservado, na justa medida em que não estão presentes acções recentes de afectação, correspondendo, ainda hoje, a um campo de cultivo extensivo.

A área 2, correspondente à horta, situada num ponto baixo da encosta, apresenta um grau de conservação bastante diverso, estando em algumas áreas totalmente destruído, enquanto noutras se conserva sob espessas camadas de aterro, resultante do aterramento para a construção da horta. Impende sobre esta zona hoje uma urbanização de muito baixa densidade de construção.

A área 3 é a mais complexa de avaliar, e aquela onde as truncagens actuais são mais agressivas e patententes. Esta corresponde à Urbanização da Quinta do Paraíso, onde a construção das suas infra-estruturas e lotes implicou uma fortíssima modelação no terreno. Esta área deveria corresponder a uma pendente ligeiramente mais acentuada, separada do espaço da horta por uma linha de água, subindo o terreno para oeste e sul, configurando um anfiteatro natural.

A edificação da urbanização implicou o desmantelamento da topografia existente em grande parte da área, conservando-se a estratigrafia pré-histórica nas zonas mais baixas, ou nos cortes



Fig. 10 Vista geral do povoado do Paraíso. Em primeiro plano, área ainda não urbanizada adjacente à Horta. Ao fundo, Urbanização do Paraíso, que afectou profundamente o povoado.

resultantes da regularização do terreno para construção, como se pode verificar nas extremidades oeste e sul da zona de dispersão de materiais, onde apenas pequenas bolsas ou estratos pouco espessos continuam ainda a embalar materiais dessa cronologia. Nalgumas áreas a estratigrafia pré-histórica foi totalmente obliterada, rebaixando-se vários metros na rocha, enquanto noutras se devem ter efectuado fortes aterros.

Apesar da escassez e da qualidade dos dados disponíveis, cremos possível asseverar que o sítio ainda apresenta, mesmo dentro dos espaços urbanizados, extensas áreas onde a estratigrafia pré-histórica se conserva, tal como estruturas, quer negativas quer edificadas, que nos poderão fornecer relevantes informações sobre o local.

Os dados recolhidos nos diversos sectores permitiram constatar a existência de um povoado bastante extenso, no contexto alto alentejano, que parece instalar-se, logo de origem, de ambos os lados de uma pequena linha de água. Como veremos, as presenças materiais nos vários sectores não parecem denunciar movimentos assinaláveis de expansão/contracção da ocupação, ao menos com os dados disponíveis.

4. Breves considerações sobre o conjunto artefactual

Os materiais analisados resultam de recolhas de superfície e da limpeza dos perfis das várias intervenções, sendo enquadrados estratigraficamente em escassas situações, nomeadamente os conjuntos provenientes das unidades de enchimento das estruturas negativas limpas no corte do Sector I.

A larga maioria dos recipientes cerâmicos identificados apresenta formas com base na esfera, taças e vasos, bastante características dos finais do IV e III milénio a.C. do sudoeste peninsular, tal como se tem vindo a tipificar desde há muito (Silva & Soares, 1976–1977; Gonçalves, 1989; Calado, 2001). As formas espessadas surgem numa enorme diversidade de subtipos, tanto taças e pratos de bordo “almendrado”, como taças de bordo espessado e aplanado; as taças carenadas, ainda que presentes, são relativamente escassas. O conjunto cerâmico recolhido em [6], contida pela estrutura negativa [8], apesar de escasso, não deixa de ser interessante, ao estar composto por várias formas simples, hemisféricas, mas também por taças carenadas, estando ausentes as formas espessadas; de realçar ainda a presença de um componente de tear “crescente”. Este pequeno conjunto cerâmico

parece conferir alguma antiguidade a este momento de ocupação, associando-se, eventualmente, ao início da ocupação do local, na viragem do milénio. As superfícies externas dos recipientes são, em geral, alisadas e a decoração escassa, tendo-se ainda recolhido ao menos dois exemplares de grandes formas abertas, uma taça carenada e um prato de bordo espessado, com engobe vermelho, bastante espesso e pouco aderente (Figs. 11, 7 e 14, 4). O engobar das peças parece caracterizar um momento relativamente antigo dentro do III milénio a.C., integrável genericamente num Calcolítico Inicial, o que se coaduna bem com a sua presença numa taça carenada recolhida na [6], uma das mais antigas U.E.'s do Corte da estrada, no Sector I.

Como já se afirmou, a decoração cerâmica é escassa, tendo-se detectado apenas um recipiente com decoração incisa composta por triângulos abertos preenchidos com ponteados impressos revestidos a pasta branca (Fig. 14, 3). Esta gramática decorativa, por vezes também designada de “simbólica”, é uma das mais frequentes nos contextos do Calcolítico do Sudoeste, estando extensamente documentada em povoados como o São Pedro (Redondo) (Mataloto, Estrela & Alves, 2007), onde é o motivo mais representado, tal como nos Perdígões (Lago & alii, 1998, p. 86), onde se reconheceram inúmeras variantes. Para além desta, surge apenas decoração num pequeno fragmento de um componente de tear, do tipo placa de duas perfurações centradas, que apresenta como motivo uma tripla linha quebrada (Fig. 14, 2), integrando-se nas gramáticas decorativas de tipo geométrico, a quais, ainda que escassas no território alto alentejano, têm vindo a ser registadas, em quantidades diminutas, em diversos locais, caso do Monte de Henrique Soeiro (Mora) (Rocha, 1999, p. 189), Pombal (Monforte) (Boaventura, 2001, p. 183), São Pedro (Redondo) ou Perdígões (Reguengos de Monsaraz) (Lago & alii, 1998, p. 102).

Os componentes de tear assumem uma presença relevante neste conjunto, surgindo nas duas formas habituais — placas e crescentes — de diversos tipos: placas rectangulares de duas perfurações centradas, placas rectangulares de quatro perfurações de arestas vincadas e arredondadas; crescentes de secção ovalada, sub-rectangular e circular. É assim claro que estamos perante um conjunto morfológicamente diversificado, semelhante ao que ocorre noutros sítios deste âmbito regional.

Os materiais líticos, principalmente a pedra polida, encontram-se mais bem documentados no Sector II, tendo sido recolhidos machados e enxós, em anfibolito, de secção poligonal e polimento total e parcial, consoante os casos.

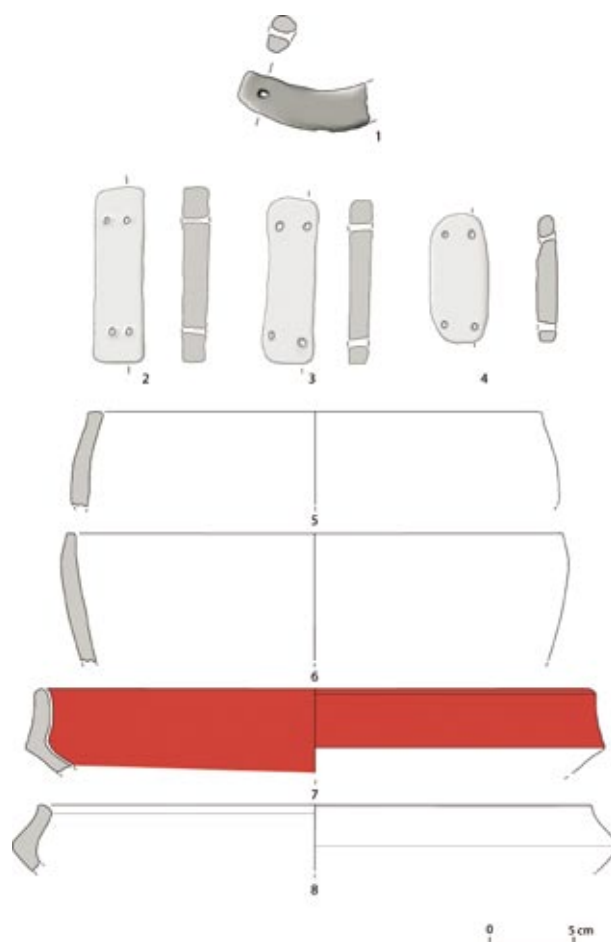


Fig. 11 Conjunto cerâmico do Sector I do Paraíso. 1, 5 a 8 - UE [6]; Superfície 2 a 4 - superfície.

No Sector I, no corte da estrada e na sondagem 3, identificaram-se conjuntos de barro cozido com evidentes marcas em negativo do entramado vegetal de suporte, o que denuncia a presença de estruturas de cariz habitacional.

À superfície, nas imediações da sondagem 1 do Sector I, recolheu-se um fragmento de um ídolo cilíndrico e um pequeno recipiente em calcário (Fig 12), artefactos votivos relacionados com o mundo mágico-

simbólico da península de Lisboa (Gonçalves, 2004), mas que se encontram igualmente documentados no contexto dos povoados alto-alentejanos, caso dos Perdigões (Valera & alii, 2000, p. 95), Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1988–1989, p. 57) ou Pombal (Boaventura, 2001), estando também registados em território extremeño (Enríquez Navascués, 1990). Em geral, estes artefactos

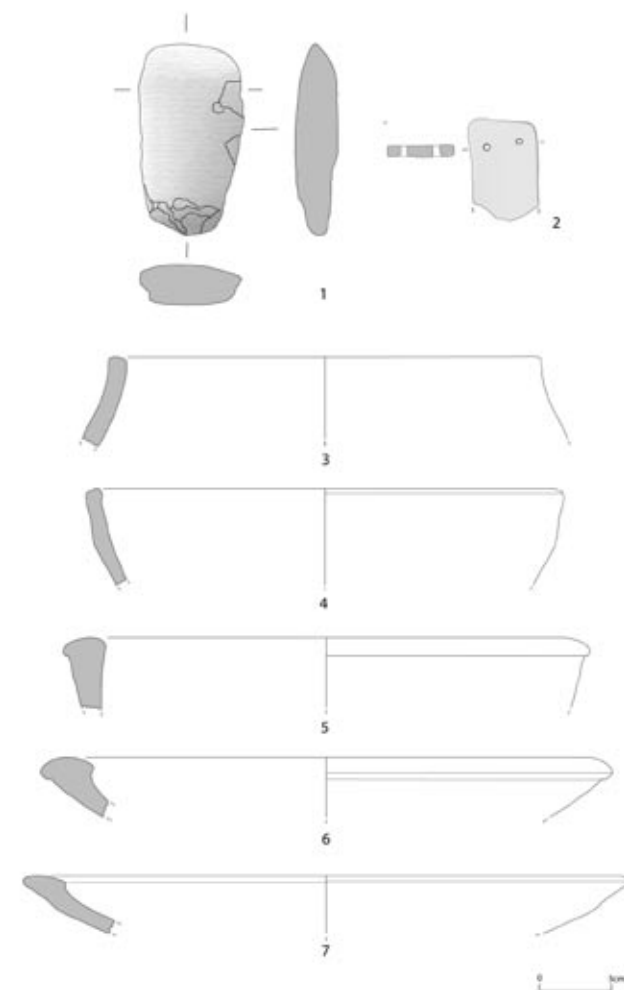


Fig. 12 Artefactos votivos de calcário recolhidos à superfície no Sector I.

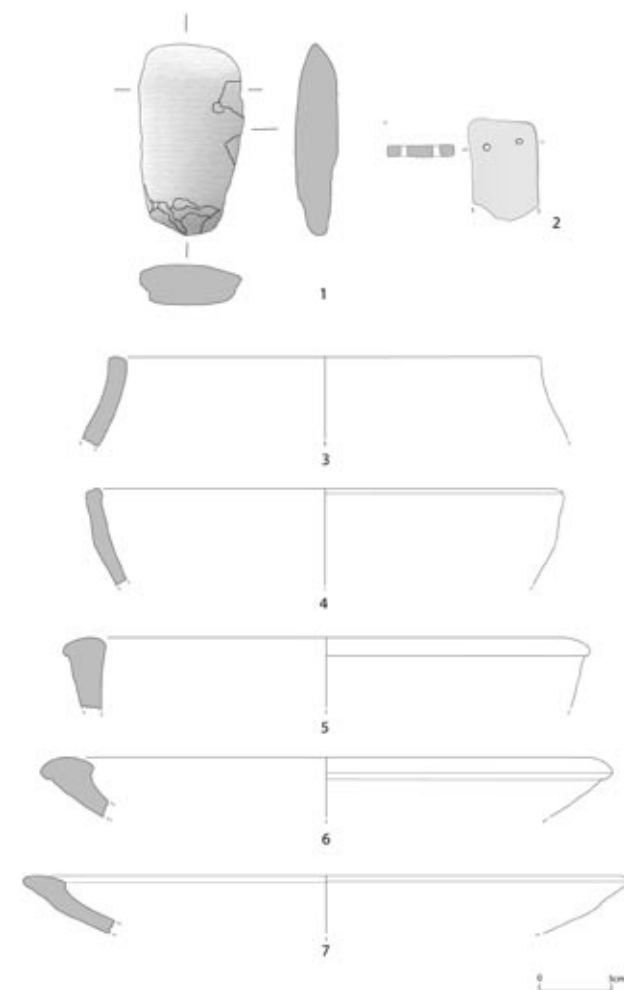


Fig. 13 Conjunto artefactual recolhido no Sector II do Paraíso.

são tidos como característicos da primeira metade do III milénio a.C., ainda que se prolonguem claramente pela segunda, enunciando a chegada de novos contextos simbólicos (Gonçalves, 2004, p. 98). Por outro lado, a sua presença pode sugerir a existência de uma estrutura funerária na área, ainda que não sejam desconhecidos em áreas habitacionais.

Perante a ausência de amplos conjuntos artefactuais devidamente estratigrafados, é-nos particularmente complexo tecer considerandos mais alargados, em particular sobre os ritmos de ocupação do povoado.

Todavia, julgamos conveniente realçar que nas limpezas das fossas do Sector I, no corte da estrada, as formas carenadas foram bem documentadas, por vezes mesmo sem a presença de formas espessadas, que surgiam com frequência nos estratos superiores; por outro lado, no Sector II, apesar das recolhas significativas, dada a destruição dos estratos arqueológicos, não foram documentadas formas carenadas, sendo raras no conjunto de cerâmicas do Sector III. Estes factos poderão revestir-se de algum

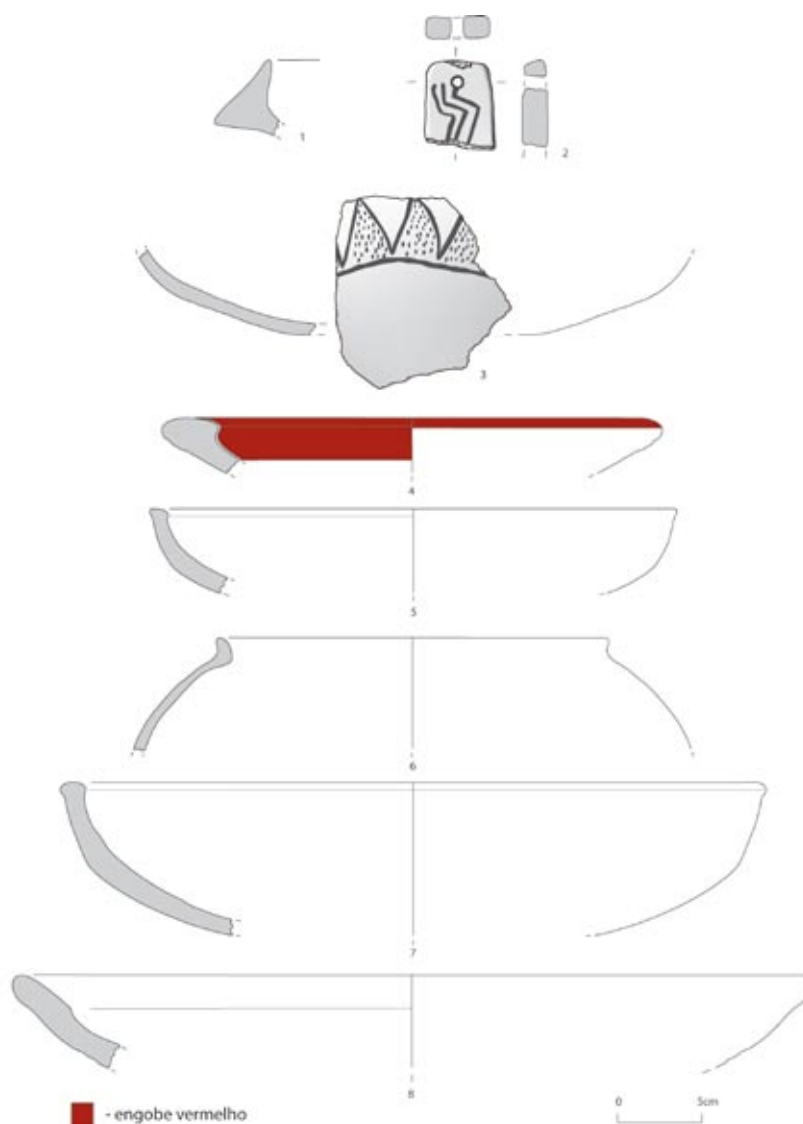


Fig. 14 Conjunto cerâmico recolhido no Sector III do Paraíso.

contorno cronológico, enunciando processos de crescimento e transformação internos, já identificados em outros locais de grande dimensão, como San Blas (Hurtado, 2004), alguns quilómetros mais a sul.

Se a ocupação ainda dentro do IV milénio a.C. é, apenas, como se viu, defensável, certo parece que o povoado estaria em plena actividade nos inícios do III milénio a.C., momento onde se poderia integrar a maior parte do conjunto artefactual, tanto as formas carenadas como os bordos espessados largos, mas igualmente curtos, a par das cerâmicas com engobe vermelho e os diversos componentes de tear placa recolhidos.

A ausência de cerâmicas campaniformes deixa-nos sem dados para o final do povoado, que poderá nunca ter ultrapassado os meados do III milénio a.C.

Assim, no essencial, pode-se afirmar que o povoado do Paraíso se deverá ter desenvolvido principalmente dentro da primeira metade do III milénio a.C., sendo possível que tenha conhecido o arranque da ocupação nos finais do milénio anterior.

5. As dinâmicas de povoamento na envolvente do Paraíso, e mais além ...

A região de Elvas, pela sua particular localização no centro de um extenso corredor natural de ligação entre a foz do Tejo e as “Vegas” do Guadiana Médio, é essencialmente um território de passagem e fronteira, que lhe estimula a riqueza cultural.

Por outro lado, o domínio de férteis solos e abundante água, tornam-na num espaço privilegiado de assentamento para as comunidades humanas através dos tempos.

O povoado do Paraíso encontra-se no centro de uma das redes de povoamento do IV/III milénio a.C. mais extensamente escavada nos últimos 30 anos (Fig. 15), sem que, todavia, isso se tenha reflectido num extenso panorama de publicações.

Para norte, nas imediações de Campo Maior, conhecem-se dois povoados genericamente seus contemporâneos, Cabeço do Cubo (Oliveira & Dias, 1982) e Santa Vitória (Dias, 1996), escavados em várias campanhas, mas infelizmente pouco ou nada publicados.

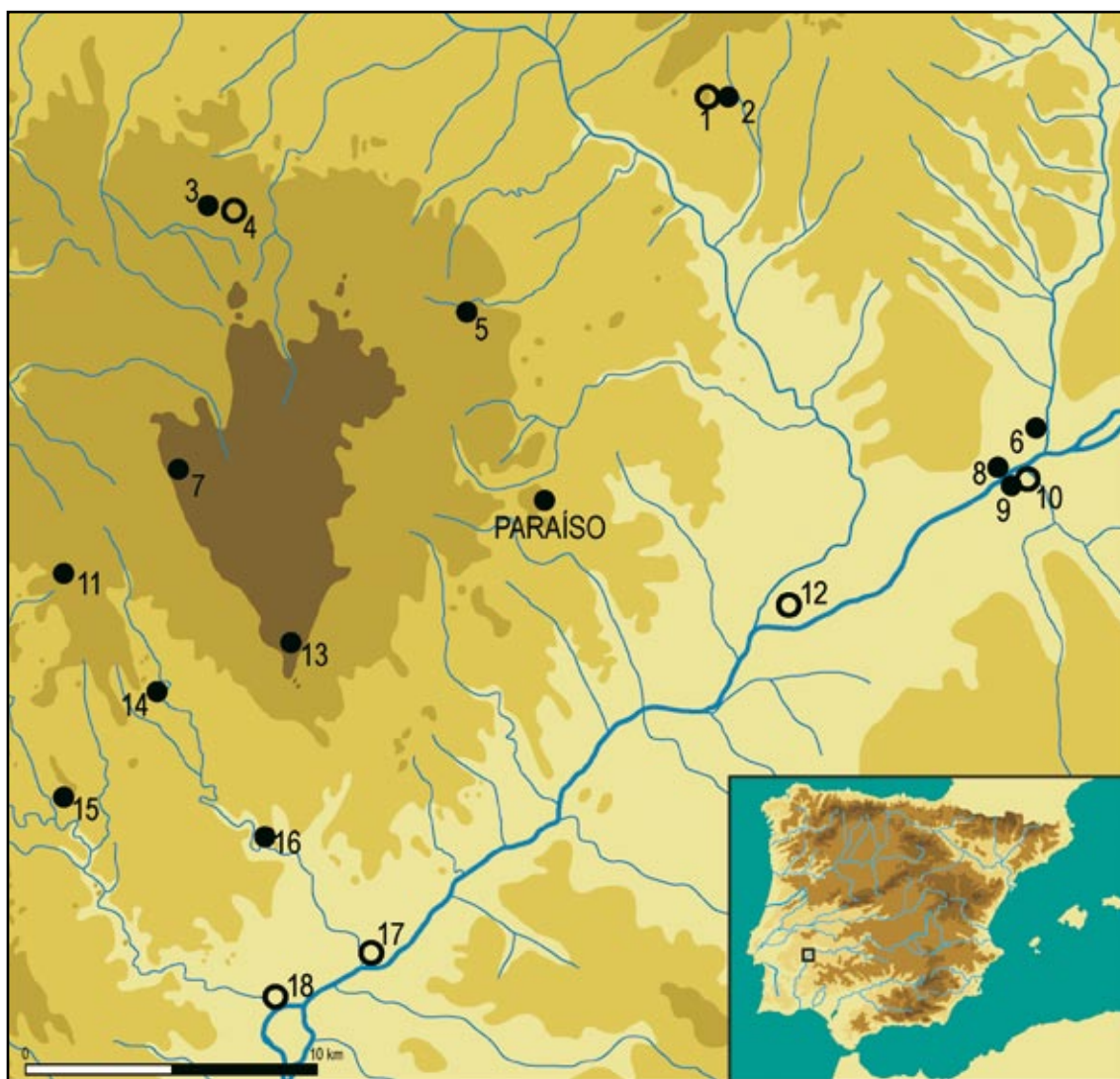


Fig. 15 Povoamento do IV/III milénio a.C. na região de Elvas: 1- Santa Vitória; 2 - Cabeço do Cubo; 3 - Fontalva; 4 - Cabeço do Torrão; 5- Quinta das Longas; 6 - Santa Engracia; 7 - Atalaião; 8 - San Cristóbal; 9- Alcazaba; 10- El Lobo; 11- Terrugem; 12 - Granja de Céspedes; 13- Rêgo; 14- Aboboreira; 15- Famão; 16- Castelo da Afeiteira; 17- Juromenha 1; 18- Malhada das Mimosas.

Em ambos os casos conhecem-se notícias da presença de estruturas negativas, principalmente do tipo silo ou fossas, tal como as documentadas no Paraíso. No caso de Santa Vitória, conhece-se um pouco melhor o urbanismo e as estruturas comunitárias, com a presença de fossos delimitadores da área ocupada, no interior da qual se detectaram várias fossas, algumas, por vezes, de grande dimensão. Este povoado é, certamente, o mais extensamente escavado e o que melhor permite aproximar-nos à estruturação do espaço habitado; todavia, a escassez de informação disponível, para além de interessantes infografias disponíveis no local, deixa pouca margem de análise para um sítio de extrema importância.

O povoado de Santa Vitória era dotado ao menos de duas linhas de fossos perimetrais serpenteantes, que abarcam uma área superior aos 0,5 ha (Fig. 16, 6), mas cuja ocupação parece exceder os mesmos, implantando-se num cerro destacado, com boa defensibilidade especialmente para nascente. A ocupação detectada parece centrar-se dentro da primeira metade do III milénio a.C., ainda que se tenham documentado com clareza duas fases de ocupação, uma dotada de fossos e outra com estes já colmatados (Dias, 1996).

Do Cabeço do Cubo, para além da notícia da sua identificação, pouco se conhece, ficando a sensação de podermos estar perante um sítio de excepcional interesse se atendermos à extraordinária peça publicada como proveniente do local (Gonçalves, 1989, p. 455). Julgo relevante assinalar que este sítio se encontra imediatamente a nascente do anterior, numa área mais baixa. Os escassos dados disponíveis parecem apontar para uma ocupação principalmente situada nos finais do IV milénio a.C., ainda que possa ter acompanhado a viragem para o milénio seguinte.

Ligeiramente mais a oeste dos sítios anteriores localiza-se o Cabeço do Torrão, escavado e publicado há relativamente poucos anos (Lago & Albergaria, 2001). Este corresponde a uma ocupação dotada de um fosso perimetral, que parece abarcar uma área em torno do 0,5 ha, ainda que o espaço ocupado, atendendo à presença de fossas de perfil em “U” e funcionalidade diversa, dentro e fora da área delimitada por aquele, possa ter sido efectivamente superior. Esta ocupação, atendendo ao conjunto artefactual, desenrolou-se algures entre os finais do IV milénio a.C. e a viragem para o seguinte (Lago & Albergaria, 2001, p. 57).

Ligeiramente mais a norte, no concelho de Arronches, situa-se o povoado dos Moreiros, recentemente dado a conhecer (Boaventura, 2006) e que parece corresponder, uma vez mais, a um destes pequenos povoados dotado de fossos, instalado sobre ligeira elevação, algures na transição entre o IV e III milénio a.C.

Mais a sul, e em área imediata ao povoado do Cabeço do Torrão, situa-se o clássico povoado de Fontalva, dado a conhecer por A. do Paço, O. da Veiga Ferreira e A. Viana (1957) e do qual pouco se sabe, para além de se tratar de uma ocupação genericamente enquadrável no III milénio a.C. Igualmente da labuta de Abel Viana e colaboradores, tomámos conhecimento do povoado do Atalaião (Atalaia dos Sapateiros), situados escassos quilómetros a oeste de Elvas, em destacada elevação (Viana & Deus, 1955); uma vez mais, pelas imagens disponíveis, poderemos assinalar que se trata de um povoado do III milénio a.C., genericamente contemporâneo do Paraíso.

Continuando pouco mais de uma dezena de quilómetros para sudoeste, por entre outras ocupações de menor entidade, pode-se referir o Castelo da Afeiteira, já no concelho de Vila Viçosa, tratando-se de uma ocupação instalada sobre destacada elevação, onde se evidenciam potentes taludes perimetrais, que deverão reflectir a presença de importantes estruturas de fortificação, que parecem delimitar uma área próxima a 1 ha. A par deste, identificado recentemente (Calado, Mataloto & Rocha, em preparação), são conhecidos de há muito dois outros povoados, Famão e Aboboreira (Arnaud, 1971), o último dos quais certamente fortificado.

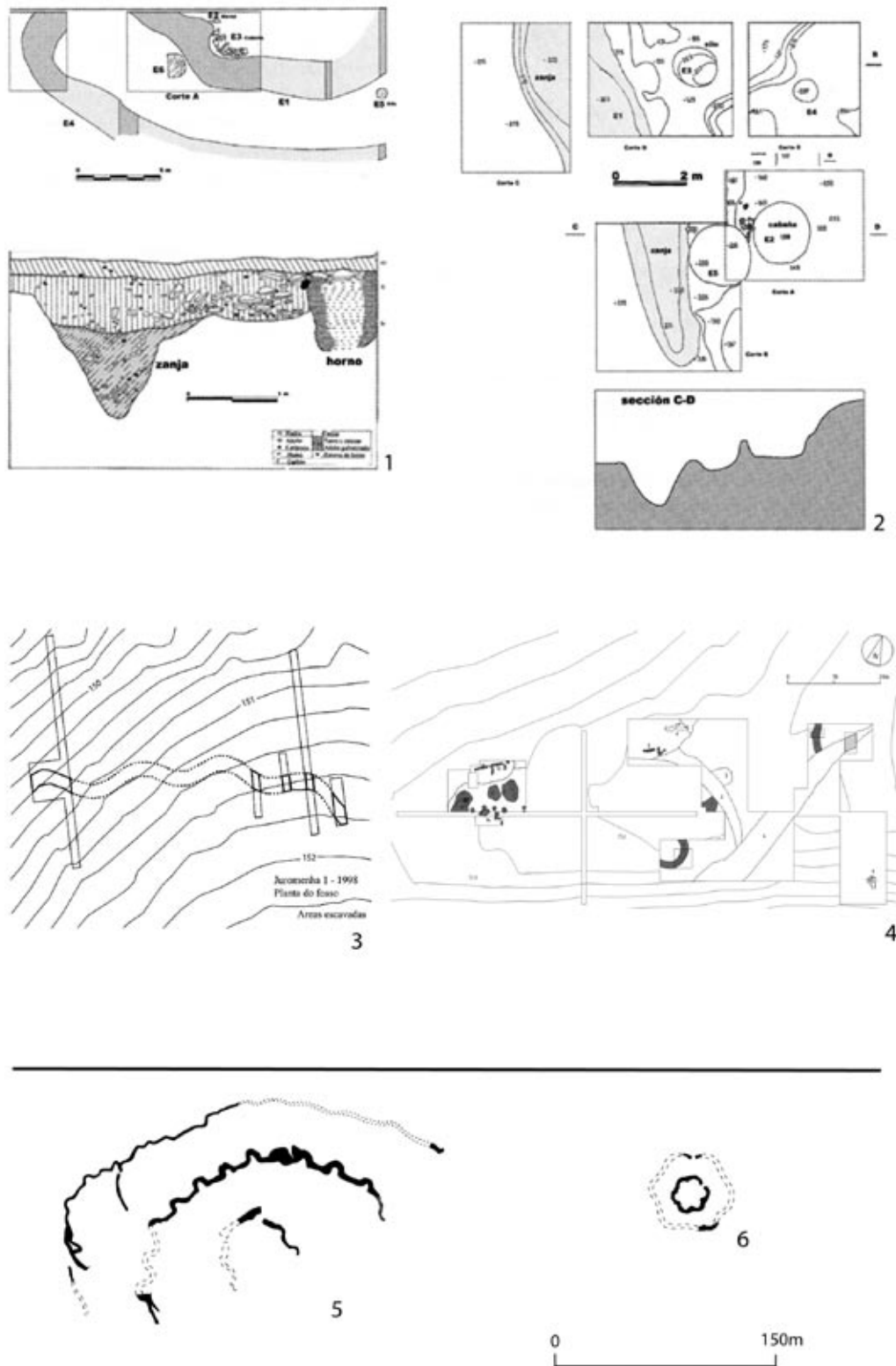


Fig. 16 Plantas e alçados de vários povoados da envolvente do Paraíso: 1 - Granja Céspedes (seg. Hurtado, 2008); 2 - El Lobo (seg. Hurtado, 2008) 3 - Juromenha 1 (seg. Calado & Rocha, 2007); 4 - Malhadas das Mimosas (a escuro, estruturas pré-históricas; adaptado de Calado, Mataloto & Rocha, 2007); 5 - Águas Frias (adaptado de Calado, 2004); 6 - Santa Vitória (adaptado de painel informativo do IPPAR).

Junto da foz da Ribeira de Mures, em área plana e de férteis solos aluviais, escavou-se há cerca de uma década o povoado de Juromenha 1, que deverá corresponder a extensa ocupação dotada de um fosso serpenteante (Calado & Rocha, 2007) (Fig 16, 3). O conjunto artefactual aí recolhido é dominado por formas esféricas, hemisféricas e carenadas, lisas, com escassa indústria lítica e ausência de componentes de tear.

Deste povoado de Juromenha 1 dispomos de duas datas inéditas², obtidas sobre fauna recolhida no interior do fosso, em níveis médios de enchimento. Estas, provenientes de distintas sondagens apresentam intervalos estatisticamente indiferenciáveis: 3370–3100 cal BC a dois sigma. Deste modo, situam com clareza o processo de enchimento/abandono do fosso num momento anterior aos finais do IV milénio a.C., algures nos inícios do último quartel. Este momento deverá ser imediatamente anterior ao início da ocupação do sítio do Paraíso, indiciando já, eventualmente, um processo de profunda remodelação do povoamento que se documenta na região de Elvas, mas também no restante território alentejano, algures na transição do IV para o III milénio a.C.

Algo mais a sul, mas igualmente na foz de uma importante ribeira, neste caso a Asseca, escavou-se um outro destes povoados, a Malhada das Mimosas (Calado, 2002), de dimensões aparentemente mais modestas, que, após uma primeira fase dotado de um pequeno fosso de perfil em V e planta aparentemente serpenteante, conhece uma outra ocupação aberta, onde aquele está já colmatado, que se deverá associar às primeiras centúrias do III milénio, atendendo à presença de formas espessadas e componentes de tear-placa (Fig 16, 4).

Resta-nos ainda assinalar, algo mais afastado da região de Elvas, o povoado de fossos das Águas Frias (Alandroal), junto da Ribeira do Lucefécit (Calado & Rocha, 2007) (Fig 16, 5). Este povoado, extensamente escavado, e que apresenta uma complexa arquitectura dominada por duas linhas concêntricas de fossos serpenteantes, parece ter sido ocupado principalmente dentro da segunda metade do IV milénio a.C., sendo abandonado algures na viragem para o milénio seguinte.

Já fora do território nacional, mas absolutamente fronteira ao Paraíso, conhece-se uma rede de instalações dos finais do IV e inícios do III milénio a.C. nas margens do Guadiana, na envolvente da cidade de Badajoz. São conhecidos os povoados de Santa Engracia (Celestino, 1989), junto da foz do Gévora, El Lobo (Molina, 1980; Hurtado, 2008) (Fig. 16, 2), na margem esquerda do Guadiana, e Granja de Céspedes (Celestino, 1989; Hurtado, 2008) (Fig. 16, 1), nas imediações da foz do Caia, estando todos eles implantados em áreas aplanadas junto de férteis solos agrícolas. Para além destes povoados em planície, conhecem-se instalações de altura como os povoados de La Alcazaba (Celestino, 1989), na alcáçova de Badajoz e Cerro de San Cristóbal, fronteiro ao anterior (Celestino, 1989). Os trabalhos desenvolvidos nos povoados de El Lobo e Granja de Céspedes permitiram documentar a presença de fossos e várias fossas (Molina, 1980). Ainda que os trabalhos de escavação tivessem sido relativamente circunscritos, é claramente perceptível que estes deveriam ser povoados de pequena e média extensão, entre meio e 1 ha (Enríquez Navascués, 1990).

Em termos cronológicos, parecem estruturar-se diacronicamente, ainda que nem sempre seja clara a sequência. Santa Engracia crê-se ser, aparentemente, o mais antigo, com uma presença cerâmica claramente dominada pelas taças carenadas (Celestino, 1989, p. 294), no entanto, no povoado vizinho de El Lobo, estas assumem igualmente uma presença significativa, ainda que a existência de formas espessadas seja claramente mais notada (Molina, 1980, p. 104). Assim, estes povoados poderão ainda ter sido parcialmente contemporâneos ou, como o deixa entrever a convivência de taças carenadas e pratos de bordo espessado desde a base da estratigrafia de El Lobo, podem ter-se sucedido de imediato no tempo. Todavia, este último, atendendo ao seu conjunto de materiais, parece não se prolongar muito além da viragem do milénio, sendo aparentemente sucedido pelo

povoado da Granja de Céspedes, que deverá centrar a sua ocupação dentro da primeira metade do III milénio a.C. (Hurtado, 2008, p. 186). Os restantes povoados de La Alcazaba e San Cristóbal são mais complexos de situar cronologicamente, ainda que o primeiro pareça ter uma sequência que se prolonga entre os finais do IV e inícios do III milénio a.C., enquanto este último se parece situar já nos finais deste milénio (Celestino, 1989, p. 322).

Esta leitura muito geral permite-nos observar a enorme densidade de sítios de alguma entidade sumariamente estudados nos arredores de Elvas, onde se localiza o povoado do Paraíso.

Na realidade, cremos que se pode claramente observar a efectiva complexidade diacrónica destas ocupações que parecem estruturar as malhas de povoamento entre a segunda metade do IV milénio a.C. e a primeira metade do III a.C.

Este terá sido um momento de intensa transformação e adaptação do território e da paisagem alentejana e estremenha, correspondendo efectivamente ao arranque de uma intensa produção agrícola, que se traduziu num enorme processo de modelação da paisagem.

As dinâmicas de povoamento identificadas na região de Elvas parecem acompanhar as grandes tendências registadas para o território alto-alentejano, as quais tentaremos agora caracterizar.

A segunda metade do IV milénio a.C. é principalmente marcada por instalações de pequenas e médias dimensões (1–3 ha), geralmente dotadas de uma ou mais linhas de fossos, usualmente serpenteantes, instaladas junto de linhas de água, em áreas aplanadas, adjacentes a férteis solos agrícolas, constituindo Juromenha 1, localizado a pouco mais de 10 km do Paraíso, efectivamente, um dos exemplos mais emblemáticos deste modelo de povoamento, a par de outros já citados de Malhada das Mimosas (Alandroal) (Calado, 2000), Águas Frias (Alandroal) (Calado & Rocha, 2007, p. 35) ou da Ponte da Azambuja (Évora) (Rodrigues, 2008).

Os fossos serpenteantes detectados nestes locais parecem antecipar o “design” das estruturas de fortificação que iremos conhecer mais tarde. Cremos que este facto fica bem patente na planta do povoado das Águas Frias (Calado, 2004; Calado & Rocha, 2007), onde o alargamento dos fossos nas curvas nos transmite uma impressionante imagem das fortificações que conheceremos no III milénio a.C. Resta acrescentar que semelhante modelo arquitectónico iremos encontrar no povoado de Santa Vitória (Dias, 1996), já claramente integrável no milénio seguinte.

A pressão gerada sobre o território, eventualmente ligada a uma importante expansão demográfica a partir de meados do IV milénio a.C., fará surgir os primeiros indícios de tensão territorial, traduzidos na presença de estruturas de delimitação, os citados fossos, que deveriam estar acompanhados por muralhas de talude de terra e madeira, reorganizando a paisagem alentejana por completo, lançando as bases da complexificação social e territorial patente na primeira metade do III milénio a.C.

Estes povoados seguem modelos e dinâmicas genericamente semelhantes a outras registadas um pouco por todo o Sul do País, em sítios como Porto Torrão (Ferreira do Alentejo) (Valera & Filipe, 2004) ou São Jorge (Serpa) (Soares, 1996), claramente ocupados pelo menos nos finais do IV milénio a.C.

Todavia, ainda antes do final deste milénio inicia-se uma profunda transformação das malhas de povoamento que acabará por acometer boa parte das instalações acima referidas. Se atendermos às já citadas datações de Juromenha, referentes ao processo de abandono e enchimento do fosso, este fenómeno parece ter-se iniciado provavelmente no início do último quartel do IV milénio a.C., prolongando-se pelo menos até à viragem do milénio. Por vezes, como nos afiança o caso da Malhada das Mimosas, ainda que os povoados não sejam totalmente abandonados, alteram substancialmente a sua natureza, desaparecendo as estruturas perimetrais e diminuindo a intensidade da sua ocupação.

Este processo generalizado de abandono dos povoados de fossos do IV milénio a.C. parece alargar-se a outras paragens mais a sul, em povoados como a Ponte da Azambuja (Rodrigues, 2008) ou Porto Torrão (Valera & Filipe, 2004); no mesmo sentido apontam os dados do povoado de São Jorge (Soares, 1996), em Ficalho, igualmente dotado de fosso, em cujo preenchimento se recolheram evidências que forneceram a data OxA 5443: 4540 ± 60 , com um intervalo a dois sigma: 3500–3020 cal BC, enquadrando o processo de abandono e enchimento da estrutura negativa algures dentro da segunda metade do IV milénio a.C.

O caso de Porto Torrão (Valera & Filipe, 2004), onde o fosso, e eventualmente o povoado, dos finais do IV milénio a.C. foi substituído por outro de características similares, mas abandonado muito mais tarde, é, todavia, algo mais complexo, deixando entrever os múltiplos percursos que esta reestruturação das malhas de povoamento parece ter conhecido

Este processo deverá, então, ter gerado novas dinâmicas, que resultaram na criação das redes de povoamento que irão caracterizar a primeira metade do III milénio a.C. Julgamos que poderá ter sido justamente neste contexto que terá surgido o povoado do Paraíso, acompanhando uma tendência mais alargada de fundação de grandes aglomerados humanos na viragem do IV para o III milénio a.C., de que o povoado dos Perdigões (Reguengos) (Lago & alii, 1998) constitui o máximo expoente no território alto-alentejano. A mesma tendência parece reconhecer-se no grande povoado de San Blas, encostado ao tramo superior do Guadiana descendente (Hurtado, 2004).

Mais a sul, na Vidigueira, o sítio da Sala n.º 1 (Gonçalves, 1987) apresenta um conjunto de datações³ cujos intervalos solapam, em grande medida, os registados em Juromenha 1 e São Jorge. Todavia, os limites mais baixos extravasam já a viragem do milénio, indiciando tratar-se de uma realidade aparentemente mais recente, o que a presença de uma baixela cerâmica já marcada pelas formas abertas de bordo espessado, que irão caracterizar o III milénio a.C., parece aferir. Ao invés dos anteriores, a Sala n.º 1 parece ter continuado a ser ocupado, tal como o demonstra a data ICEN 448 (3013–2459 cal BC a dois sigma) com um intervalo de calibração amplo, mas que atesta a sua continuidade pelo milénio seguinte.

Julgamos igualmente relevante trazer de novo à colação o caso do Cabeço do Cubo e de Santa Vitória, onde se nota, atendendo à escassa informação disponível, o abandono do primeiro destes povoados, implantado em cotas mais baixas, em favor da fundação e emergência daquele último, em posição dominante e visibilidade circular. Cremos que este caso elucida bastante bem os novos tempos e novas estratégias que chegam com o novo milénio.

Assim, em traços gerais, não é impossível que este longo processo de reorganização do povoamento na viragem do IV para o III milénio a.C. seja principalmente caracterizado por uma forte tendência agregadora da população, capaz de gerar unidades de povoamento de dimensões bastante consideráveis, emergindo uma nova rede de povoados médios e grandes, que poderão controlar territórios mais amplos na sua envolvente.

No caso do Paraíso, a sua dimensão e localização remetem-no para uma posição certamente destacada no contexto das malhas de povoamento envolventes, assumindo uma posição ambivalente, ao implantar-se em posição destacada, mas dominando a planície fértil do Caia e Guadiana.

A par desta rede de povoados médios e grandes, parece estruturar-se nas margens, mas também no interior, dos territórios envolventes a estes uma rede de instalações de altura, fortificadas, que emerge pouco depois da viragem do milénio, por vezes sobrepondo instalações anteriores, abertas, mas já posicionadas em elevações dominantes. Em escavação recente no povoado fortificado de São Pedro (Redondo), na margem da Serra d'Ossa, escassas dezenas de quilómetros a oeste do Paraíso, foi possível atestar uma primeira ocupação aberta, ainda muito devedora das realidades artefac-

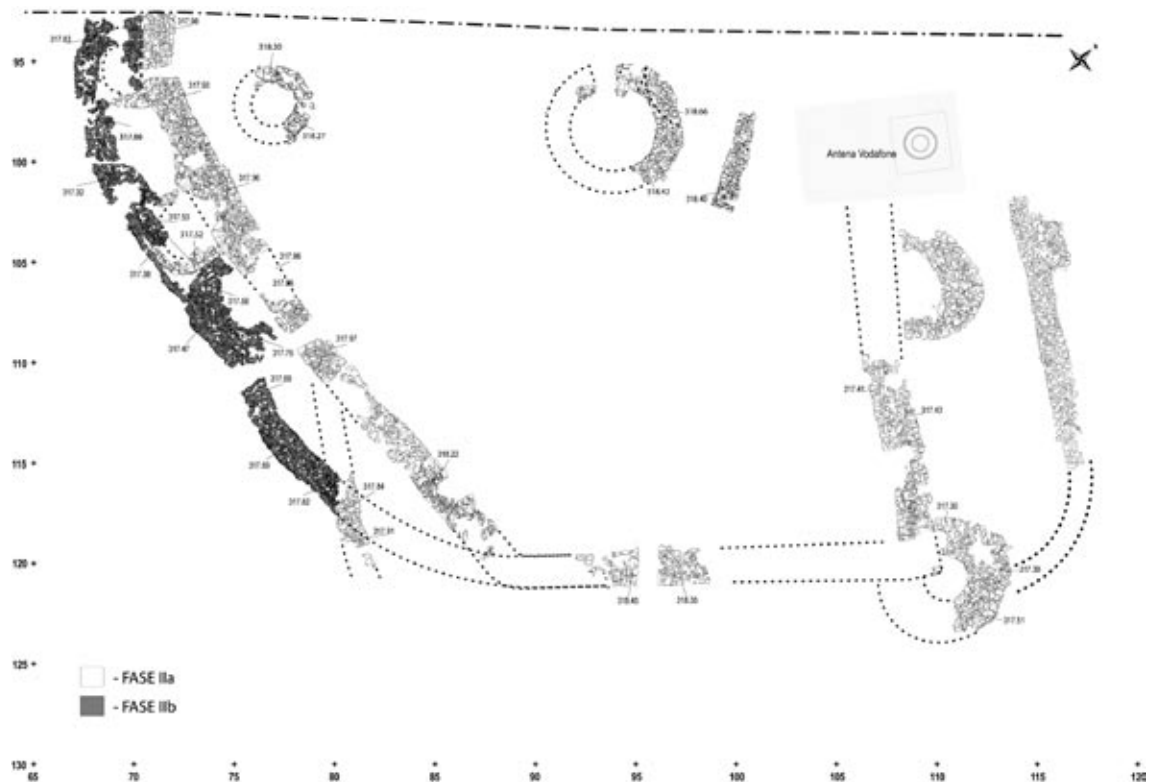


Fig. 17 Planta geral de estruturas da Fase II do São Pedro, primeira estrutura de fortificação do local, edificada provavelmente no primeiro quartel do III milénio a.C.

tuais do final do IV milénio a.C., a que se sucede, pouco depois e sem aparente solução de continuidade, uma ocupação dotada de um impressionante dispositivo fortificado, edificado provavelmente no primeiro quartel do III milénio a.C. (Mataloto & Müller, no prelo). A tensão territorial desta primeira metade do III milénio a.C. terá igualmente reflexo no território envolvente do Paraíso, com a emergência de amplas estruturas de fortificação, instaladas em posição dominante, junto das principais ribeiras, caso dos povoados dos Castelos da Afeiteira ou da Aboboreira.

A primeira metade do III milénio a.C. não terá sido uma época fácil, mas antes conturbada, de constante reajuste nas organizações territoriais, como ficou bem patente na constante sucessão de povoados documentada na envolvente da actual cidade de Badajoz, imediata ao sítio aqui em análise. Assim, e ainda que os dados disponíveis sejam escassos, parece-nos que dificilmente o povoado do Paraíso terá ultrapassado os meados do milénio, sendo, aparentemente, acometido em mais uma das grandes reestruturações do povoamento que parece acompanhar a dispersão das cerâmicas campaniformes.

Na segunda metade do milénio, num momento onde o povoado do Paraíso parece já não estar activo, toda esta forma de estruturar o espaço desagregar-se-á, a par do que acontece com muitos dos povoados; todavia, subsistem ou surgem algumas ocupações, por vezes de pequenas dimensões e instaladas em cerros dominantes, caso do sítio da Terrugem, onde se documentou uma ocupação campaniforme (Mataloto, 2006), ou do Cerro de San Cristóbal (Celestino, 1989, p. 322), ambas numa envolvente imediata ao Paraíso.

Redondo/Lisboa, Maio 2009

NOTAS

- * Município de Redondo.
rmataloto@gmail.com
- ** Arqueóloga
catarinacosteira@gmail.com
- ¹ Em reunião com o IGESPAR e os representantes da Câmara Municipal de Elvas, tida a 19/01/09, foi decidido um conjunto de medidas que promovessem a salvaguarda da informação arqueológica em futuras edificações no local. No futuro, não seria aceite qualquer remoção de terra sem acompanhamento arqueológico, que deverá depois condicionar o progresso dos trabalhos.
- ² Wk 18487 - 4538± 32 e Wk 18488 - 4547± 35 cal BP); estas datações, ainda inéditas, foram gentilmente cedidas pelo Prof. Dr. Manuel Calado, director científico das intervenções e do estudo deste local, ao qual muito agradecemos.
- ³ ICEN 444 - 4490±100, intervalo 2σ: 3500–2900 cal BC; ICEN 445 - 4490±90, intervalo 2σ: 3490–2920 cal BC; ICEN 446 - 4490±100, intervalo 2σ: 3520–2900 cal BC; ICEN 448 - 4140±110, intervalo 2σ: 3520–2900 cal BC (calibração OxCal v4.0.5 Bronk Ramsey (2007); r:5 IntCal04 atmospheric curve (Reimer & alii, 2004).

BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, José Morais (1971) - Os povoados neo-eneolíticos de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa): notícia preliminar. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Coimbra: Junta Nacional de Educação, pp. 199–221.
- BOAVENTURA, Rui (2001) - *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- BOAVENTURA, Rui (2006) - Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do *cluster* de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 61–74.
- CALADO, Manuel (1993) - *Carta arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- CALADO, Manuel (1995) - *A região da serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (edição policopiada).
- CALADO, Manuel (2000) - Neolitização e megalitismo no Alentejo Central: uma leitura espacial. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP, pp. 35–45.
- CALADO, Manuel (2001) - *Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de Pré-História regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CALADO, Manuel (2002) - Povoamento pré e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al-madan*. Almada. II série. 11, pp. 122–127.
- CALADO, Manuel (2004) - *Os menires do Alentejo Central*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Edição policopiada).
- CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui (1998) - *Relatório da escavação do povoado neolítico de Juromenha I*. Lisboa: IPA; EDIA. Policopiado.
- CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui (2001) - *Carta arqueológica do Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui; ROCHA, Artur (2007) - Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal). In RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso; PAVÓN SOLDEVILA, Ignacio, eds. - *Arqueología de la tierra: paisajes rurales de la Protohistoria peninsular*. Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 129–179.
- CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui; ROCHA, Artur (em preparação) - *O povoamento pré-histórico da margem direita do Regolfo de Alqueva*.
- CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui; ROCHA, Leonor (em preparação) - *Carta arqueológica de Vila Viçosa*.
- CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor (2007) - As primeiras sociedades camponesas no Alentejo Central: a evolução do povoamento. In CERRILLO CUENCA, Enrique; VALADÉS SIERRA, Juan Manuel, eds. - *Los primeros campesinos de La Raya: aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo*. Cáceres: Museo, pp. 29–46.
- CARDOSO, João Luís (2004) - *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de história regional*. Oeiras: Câmara Municipal (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 12).
- CELESTINO PÉREZ, Sebastián (1989) - El poblado calcolítico de Santa Engracia. *Revista de Estudios Extremeños*. Badajoz. 45:2, pp. 281–326.
- DIAS, Ana Carvalho (1996) - *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Santa Vitória*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier (1990) - *El Calcolítico o Edad del Cobre de la Cuenca Extremeña del Guadiana: los poblados*. Badajoz: Editora Regional de Extremadura.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1988–1989) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova Série. 9–10, pp. 49–61.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1989a) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve oriental: uma perspectiva integrada*. Lisboa: INIC/UNIARQ.

- GONÇALVES, Victor dos Santos (1989b) - O povoado pré-histórico da Sala n.º 1 (Pedrogão, Vidigueira): notas sobre a campanha 1 (88). *Portugalia*. Porto. Nova Série. 8, pp. 7-16.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1993) - A primeira metade do 3.º milénio no *Cento/Sul de Portugal*: algumas breves reflexões, enquanto outras não são possíveis. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 34:3-4, pp. 117-131.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (2004) - Espaços construídos, símbolos e ritos da morte das antigas sociedades camponesas no extremo Sul de Portugal: algumas reflexões sob a forma de sete qmf. *Mainake*. Málaga. 26, pp. 89-114.
- HARRIS, Edward C. (1991) - *Princípios de estratigrafia arqueológica*. Barcelona: Crítica.
- HURTADO PÉREZ, Víctor (2004) - El asentamiento fortificado de San Blas (Cheles, Badajoz). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 61:1, pp. 141-155.
- HURTADO PÉREZ, Víctor (2008) - Recintos con fosos de la cuenca media del Guadiana. *Era Arqueologia*. Lisboa. 8, pp. 182-197.
- LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; VALERA, António Carlos; ALBERGARIA, João; ALMEIDA, Francisco; CARVALHO, António Faustino de (1998) - O povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 45-152.
- LAGO, Miguel; ALBERGARIA, João (2001) - O Cabeço do Torrão (Elvas): contextos e interpretações prévias de um lugar do Neolítico alentejano. *Era Arqueologia*. Lisboa. 4, pp. 38-63.
- MATALOTO, Rui (2006) - Entre *Ferradeira e Montelavar*: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 83-108.
- MATALOTO, Rui; ESTRELA, Susana; ALVES, Catarina (2007) - As fortificações calcolíticas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal). In CERRILLO CUENCA, Enrique; VALADÉS SIERRA, Juan Manuel, eds. - *Los primeros campesinos de La Raya: aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo*. Cáceres: Museo, pp. 113-141.
- MATALOTO, Rui; MÜLLER, Roland (no prelo) - Construtores e metalurgistas. Faseamento e cronologia pelo radiocarbono da ocupação calcolítica do São Pedro (Redondo, Alentejo Central). In *Kupferzeitliche Metallurgie in Zambujal, in Extremadura, Südpotugal und Südwestspanien: Vom Fertigprodukt zur Lagerstätte*. Arbeitstagung Alqueva-Staudamm, 27. bis 30. Oktober 2005. Série Iberia Archaeologica. DAI: Abteilung Madrid.
- MOLINA LEMOS, Lucio (1980) - El Poblado del Bronce I de El Lobo (Badajoz). *Noticario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 9, pp. 93-127.
- OLIVEIRA, Jorge; DIAS, Ana Carvalho (1982) - Povoado pré-histórico do Cabeço do Cubo - Campo Maior. Notícia da sua identificação. *Clio*. Lisboa. 4, pp. 137-142.
- PAÇO, Afonso do; FERREIRA, Octávio da Veiga; VIANA, Abel (1957) - Antiguidades de Fontalva. Neo-Eneolítico e época romana. *Zephyrus*. Salamanca. 8, pp. 111-133.
- REIMER, Paula J.; BAILLIE, Mike G. L.; BARD, Edouard; BAYLISS, Alex; BECK, J. Warren; BERTRAND, Chanda J. H.; BLACKWELL, Paul G.; BUCK, Caitlin E.; BURR, George S.; CUTLER, Kirsten B.; DAMON, Paul E.; EDWARDS, R. Laurence; FAIRBANKS, Richard G.; FRIEDRICH, Michael; GUILDERSON, Thomas P.; HOGG, Alan G.; HUGHEN, Konrad A.; KROMER, Bernd; McCORMAC, Gerry; MANNING, Sturt; BRONK RAMSEY, Christopher; REIMER, Ron W.; REMMELE, Sabine; SOUTHON, John R.; STUIVER, Minze; TALAMO, Sahrá; TAYLOR, F. W.; VAN DER PLICHT, Johannes; WEYHENMEYER, Constanze E. (2004) - IntCal04 Terrestrial Radiocarbon Age Calibration, 0-26 cal kyr BP. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 46:3, pp. 1029-1058.
- RODRIGUES, Ana Filipa (2008) - O recinto de fossos da ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora): primeira notícia. *Apointamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 2, pp. 49-56.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1976-1977) - Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, pp. 179-272.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1987) - O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba, I: escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, pp. 29-79.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (2002) - Porto das Carretas: um povoado calcolítico fortificado do vale do Guadiana. *Al-madan*. Almada. II série. 11, pp. 176-180.
- VALERA, António Carlos; LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; EVANGELISTA, Lucy (2000) - Ambientes funerários no complexo arqueológico do Perdígões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *Era Arqueologia*. Lisboa. 2, pp. 84-105.
- VALERA, António Carlos (2005) - A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão) dos finais do 4.º aos inícios do 2.º milénio AC. *Era Arqueologia*. Lisboa. 7, pp. 136-210.
- VALERA, António Carlos; FILIPE, Iola (2004) - O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). *Era Arqueologia*. Lisboa. 6, pp. 28-63.
- VIANA, Abel; DEUS, António Dias de (1955) - Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas. Porto. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 15:3-4, pp. 8-54.

